

Uma luneta para dois mestres

por Xavier Bartaburu

Não é de hoje que, volta e meia, Martin Scorsese foge de sua Nova York e de seu submundo. Em *A Última Tentação de Cristo* viajou à Jerusalém dos romanos; em *A Época da Inocência* penetrou nas alcovas do século XIX; em *Cabo do Medo* foi até a Flórida investigar a mente de um psicopata. Mas não deixa de soar estranho um cineasta que se consagrou como o poeta da violência dedicar um filme ao Dalai Lama. O que, raios, ele foi fazer no Tibete? Quem tem a memória um pouco mais duradoura lembra muito bem de Bertolucci e de Jean-Jacques Annaud. Quer dizer que budismo está na moda? Sim e não. O que talvez estivesse na moda era a descoberta do budismo pelo olhos assustados do Ocidente. Tanto *O Pequeno Buda* quanto *Sete Anos no Tibete* eram, cada um à sua moda, cartilhas explicativas da filosofia tibetana aos americanos. Scorsese aproveitou a onda para contar uma outra história.

É claro que a filosofia budista permeia *Kundun* do começo ao fim, mas não é isso que interessa a Scorsese. É a figura do 14º Dalai Lama que tanto fascina o diretor. Jogado no poder ainda criança, o pequeno líder amadurece inseguro dentro de seu palácio. Num planeta imerso em guerras ideológicas e econômicas, não há espaço para um representante de Buda na Terra. Intrigado com tal personagem, Scorsese foi atrás de sua história para recontá-la na forma de filme. Não deixa de ser uma figura estranha ao diretor, e muitas vezes fica claro o distanciamento involuntário. Mas isso não impede que *Kundun* revele momentos de puro brilhantismo.

O tato de uma lente mágica

A câmera de Scorsese capta tudo com uma beleza inigualável. Plasticamente, a ajuda vem do diretor de fotografia Roger Deakins. Mas se fosse só plástica, o filme cansaria. Oculta no meio da estética, há muita riqueza no tratamento das imagens. Isso dá dinamismo a um filme de certo modo ingrato pela insistente placidez e contemplação de sua temática. Grande parte do interesse vem do olhar. Procurando talvez entender melhor seu protagonista, joga as imagens nos olhos dele, e abusa sem perdão da câmera subjetiva. Poucas biografias foram contadas dessa forma. Em boa parte do filme vemos o que o Dalai Lama vê, pensamos o que ele pensa e sentimos o que ele sente. Como quando imagina, num lampejo de pensamento, o massacre dos chineses, ou quando sonha. Ou quando vê o mundo por meio de outros olhos: através de um pano vermelho, de um cinematógrafo, de uma luneta. A luneta, aliás, é o único contato que o Lama mantém com seu país. Isso nos leva a um tema recorrente de Scorsese: o fascínio da lente. Assim como a cena da ópera em *A Época da Inocência*, assim como a introdução de Sharon Stone em *Cassino*, a lente (da câmera também) revela verdades que nem sempre o olho humano consegue captar.

Uma parceria entre mestres

Scorsese não está sozinho na empreitada. Montagem e música fazem aqui seu comentário pessoal sobre a filosofia budista, criando metáforas eficientes sobre a idéia de vidas que se sobrepõem ao longo das gerações. Na montagem, Thelma Schoonmaker mais uma

vez prova seu estilo intrincado e ao mesmo tempo fluente. Fiel colaboradora de Scorsese há duas décadas, vem dela grande parte da elegância dos filmes do diretor, mesmo nos mais brutais. *Kundun* lhe cai como uma luva. O filme começa nervoso, com cortes rápidos e bruscos, mas quando a criança é descoberta Lama, a edição se torna mais econômica, mais invisível. As fusões são inúmeras: uma imagem não começa no fim da outra, é passada reverencialmente.

O minimalismo de Philip Glass também não poderia servir melhor ao filme. Sua base é justamente a repetição obsessiva de frases, que vão aos poucos sofrendo mudanças no timbre, na harmonia e no ritmo: assim como uma mesma alma que vai passando de corpo em corpo. Há muito tempo longe das telas, Glass volta em grande estilo. Desvinculando-se radicalmente da mesmice de sons que vêm de Hollywood, sai-se aqui com uma narrativa musical inteligente e nova. Quase todo o filme é coberto de música, mas são raros os momentos em que soa intrusa. Primeiro, porque o silêncio é respeitado. Segundo, porque a música é um forte elemento unificador em *Kundun*. As cenas mudam, mas a música continua.

E continua Scorsese na sua jornada de compor um conjunto de obras duradouro e coerente. Mesmo fugindo para uma terra de monges carecas e montanhas geladas, pôde manter-se fiel à sua linguagem e à sua câmera. *Kundun* aponta para novos rumos na carreira do diretor, que nos faz ansiar por mais. É uma bela de uma guinada, mas que se revela um tanto aparente, já que Scorsese está todo lá, como sempre. Mudado, é verdade, mas lá.